

## **ESTIGMAS AO IDOSO: NOTAS DE UMA PESQUISA DE CAMPO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE VIÇOSA/MINAS GERAIS/BRASIL**

Nádia Marota Minó\*  
nadiamino@gmail.com  
Rita de Cássia Pereira Farias\*\*  
farias.rcp@gmail.com

### **RESUMO**

Através deste artigo buscamos relatar as experiências de uma pesquisa de campo, realizada em junho de 2015, como parte de uma dissertação de mestrado, voltada para a tentativa de entender as construções sociais de estigmas ligados ao envelhecimento humano, em uma escola pública de Viçosa-MG. O objetivo da pesquisa é analisar as representações de crianças e adolescentes do 5º ao 9º ano do ensino fundamental, sobre o processo de envelhecimento, identificando alguns mecanismos que possibilitam as construções sociais de estigmas ligados à velhice. Para a coleta de dados trabalhamos com grupos focais, separadamente com cada turma, focando nas representações sociais dos adolescentes sobre o envelhecimento e sobre a relação dos mesmos com os idosos. Os dados revelaram muitas percepções negativas sobre a velhice como uma etapa de vida marcada por limitações, dependência, ociosidade, inutilidade e incapacidade, além de uma corporalidade decadente. As percepções positivas, em menor proporção, estavam ligadas à experiência de vida, sabedoria e capacidade para dar bons conselhos. A longevidade como privilégio e a possibilidade de o idoso manter uma vida ativa e estabelecer relações intergeracionais também foram destacadas. Em termos gerais, a velhice é bastante estigmatizada pelos estudantes deste estudo, e isso talvez se deva a conhecimentos advindos do senso comum, bem como à falta de informação sobre o assunto.

**Palavras-chave:** pesquisa de campo; educação; envelhecimento; estigma.

### **1 INTRODUÇÃO**

A partir da década de 1970, o número de idosos vem crescendo significativamente no Brasil e no mundo, o que indica a necessidade de pesquisas sobre essa faixa etária, como também de ações efetivas que possam preparar a população para lidar com essa realidade. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) apontam que a população brasileira cresceu seis vezes nos últimos 50 anos. Em 1960, havia 3,3 milhões de brasileiros com idade superior a 60 anos (4,7% da população). Em 2010, os idosos representavam 20,5 milhões, ou seja, 10,8% da população (IBGE, 2010), resultado do avanço da ciência, da medicina e da melhoria na qualidade de vida das pessoas.

Paralelo ao crescimento da população de idosos há uma construção social negativa sobre a velhice, divulgada em piadas e diversas mídias, como propagandas e programas

---

\*Doutoranda em Economia Doméstica (UFV).

\*\*Professora do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (UFV).

televisivos, filmes e internet. Essas pedagogias culturais<sup>1</sup> afirmam que ser velho é ser improdutivo, inativo e sem vida social, já que essa fase é marcada pela fragilidade e dependência física.

Debert (2003), no artigo “O velho na propaganda”, mostra como a mídia constrói uma imagem depreciativa sobre a velhice. Semelhantemente, no artigo Piadas de “mau gosto”, Berzins e Mercadante (2012) discorrem sobre as piadas como mecanismos de disseminação de estigmas sobre as pessoas idosas.

Isso acontece porque vivemos em uma sociedade capitalista que privilegia a força de trabalho e a juventude. Como os velhos não pertencem mais ao mercado de trabalho economicamente ativo e não correspondem aos modelos de beleza socialmente aceitos, são vistos como um grupo a parte, alvo de estigmas e preconceitos.

Através dos estudos de Goffman (1975), que define o indivíduo estigmatizado como aquele que tem uma característica diferente da que a sociedade prevê, percebemos que ser estigmatizado sempre tem consequências não benéficas para a vida do indivíduo. Sua identidade sofre deteriorações por não se incluir no que a sociedade institui como normal e natural, gerando um descrédito deste indivíduo perante a sociedade, reduzindo-o a uma pessoa estranha que não tem uma aceitação social completa.

Tendo em vista os contextos abordados pelos autores supracitados, este trabalho traz uma análise sobre as percepções obtidas através dos relatos de experiência de uma pesquisa de mestrado, realizada com adolescentes do 5º ao 9º anos do ensino fundamental de uma escola pública de Viçosa/MG, situada em uma comunidade que, apesar de estar próxima ao centro da cidade, é vista como problemática, composta por famílias de baixa renda, pouca escolaridade e grande influência do tráfico de drogas.

Nesse contexto, a pesquisa objetiva refletir sobre as construções sociais de estigmas ligados a velhice, visto que nessa fase da vida as referências identitárias estão sendo construídas, e os grupos de referência exercem papel crucial na construção de seus referenciais de vida. O objetivo geral da pesquisa é analisar as representações de adolescentes sobre o processo de envelhecimento, identificando alguns mecanismos que possibilitam às construções sociais de estigmas ligados a velhice. Especificamente pretende-se:

---

<sup>1</sup> As "pedagogias culturais" são os mecanismos pelos quais a cultura, de diferentes formas, naturaliza algo que é construído socialmente, como a "beleza", a "feiura", os estigmas etc. Conforme Brisolla e Brisolla (2010, p.1 e 2) "A pedagogia cultural proclama a necessidade de incorporar objetos de pesquisa, no campo educacional, externas ao processo escolar. Por conseguinte, é importante considerar que existe um currículo além das fronteiras da escola, constituído por artefatos culturais que estão imbricados na vida cotidiana".

- Verificar o que os adolescentes pensam sobre a velhice em termos da corporalidade, dos aspectos cognitivos e das relações intergeracionais.
- Investigar se os adolescentes contribuem, e de que maneira, para a manutenção do estigma da velhice.
- Identificar de que maneira professores e pedagogos interferem na valorização ou estigmatização dos velhos mediante a educação formal oferecida.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 POPULAÇÃO IDOSA NA SOCIEDADE ATUAL**

De acordo com Gontijo (2005), em todo o mundo, a proporção de pessoas com 60 anos ou mais tem aumentado mais rapidamente do que as outras faixas etárias. Com isso, é esperado que até 2025, o mundo tenha uma percentagem de 22,3% de idosos, que corresponderá a um índice em torno de 694 milhões de pessoas mais velhas, alcançando uma média de 2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos, sendo a maioria residente em países em desenvolvimento.

Salgado (2002) defende que, no mundo contemporâneo e no futuro, as pessoas de idade avançada serão predominantemente do sexo feminino, sendo comum, em uma mesma família, mulheres velhas cuidando de suas velhas mães ou avós. Cervato et al. (2005) defendem que o predomínio de mulheres se deve a maior preocupação com a saúde em relação aos homens.

Ainda de acordo com Salgado (2002), estão ocorrendo evidências muito grandes do fenômeno conhecido como “feminização da velhice”, sendo que a população de idosos do sexo feminino supera em 11% a masculina. O autor ainda defende que este fenômeno é justificado pelo fato de as mulheres viverem em média sete anos a mais do que os homens. Além disso, contribuem para esse índice o fato de que as mulheres tendem a se casar com homens mais velhos do que elas, bem como os homens voltarem mais do que as viúvas, a se casarem depois de enviudar, ou quando divorciarem.

Isso implica em readaptações no âmbito familiar e privado, além de indicar a necessidade de políticas públicas de seguridade social, urbanas, de trabalho e emprego, de sustentabilidade do meio ambiente, de mobilidade urbana e de acessibilidade, de ações intergeracionais e pluriculturais, para homens e mulheres, de todas as etnias.

O envelhecimento populacional interfere também na economia de um país, modifica as relações sociais e os planejamentos políticos, desafiando as famílias e a sociedade a encontrarem soluções para estas questões que são de cunho legal e ético (BRASIL, 2003).

Oliveira (1999) destaca que as políticas educacionais no Brasil não são tão eficientes quando abordam a realidade do idoso, pois o sistema de ensino, frequentemente, reforça a dissonância de valores entre as diferentes idades e gerações, o que contribui para o processo de desvalorização do idoso na sociedade brasileira.

Frente ao crescimento acelerado da população idosa, tornam-se necessárias reflexões sobre as ações e políticas públicas para atender a esse público. Apesar de o comércio estar atento aos idosos como grandes consumidores de produtos e serviços, de novas formas de lazer e turismo, surge a necessidade de se pensar o idoso não apenas como um mero consumidor ativo. Atentar para a transformação que a sociedade vive em relação à longevidade implica considerar a velhice como uma preocupação de ordem social. Nesse sentido, “[...] o envelhecimento se transforma em um problema que ganha expressão e legitimidade, no campo das preocupações sociais do momento” (DEBERT, 1999, p. 12). Nesse processo, é imprescindível que o governo e a sociedade busquem mecanismos para erradicar os estigmas ligados à velhice.

## 2.2 ESTIGMAS E IDENTIDADES DETERIORADAS NA VELHICE

As construções sociais transmitidas através das gerações, no contexto de cada cultura, influenciam sobre nossa forma de pensar e agir, pois somos moldados socialmente e reproduzimos em nossas práticas as ideias que assimilamos em nossas vivências. Para Goffman (2007), a consciência que o indivíduo tem de si mesmo e do lugar que ocupa no mundo, chamado identidade, se constrói através das vivências e experiências adquiridas dentro de um grupo. Por outro lado, estigmas são atributos depreciativos que tornam o indivíduo que o possui em “desvantagem” para com os demais.

Quando interagimos com os outros, procuramos por dicas ou pistas sobre o tipo de comportamento apropriado e socialmente aceito em dado contexto. Para sermos socialmente aceitos, buscamos interpretar as expectativas do outro em relação às nossas práticas.

Goffman (2007) menciona que as pessoas ditas “normais” e estigmatizadas geralmente não possuem uma boa interação. A reação da comunidade normal é discriminar o estigmatizado, com base na ideia de que se trata de um ser inferior. Pelo ponto de vista do

indivíduo estigmatizado, esta interação também justifica a opção de viver isolado ou em companhia de seus pares, para proteger-se e manter sua autoimagem quase que no anonimato.

Em nossa sociedade, muitos grupos que fogem de uma pretensa “normalidade”, comparado aos modelos de “beleza” e “perfeição” são estigmatizados, como as pessoas deficientes, as obesas e os velhos. No caso da velhice, ela corresponde a um fenômeno construído diferenciadamente nos diversos contextos culturais. Nas culturas tradicionais, como entre os chineses, japoneses e indígenas, os velhos são valorizados e respeitados pelos seus saberes e experiências, sendo reconhecidos como guardiões da cultura (ALCÂNTARA, 2004).

Marilena Chauí (1994, p. 18), defende que os velhos são “a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”, cuja “função social do velho é lembrar e aconselhar [...] unindo o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir”. Entretanto, na sociedade capitalista, frequentemente os idosos têm sido vistos com indiferença e com desdém.

No mesmo contexto, Lopes (2007, p. 44), defende que:

Vale a pena examinar como a cultura se torna corresponsável por boa parte dos sofrimentos dos mais idosos. Nesse modelo genérico de velhice ainda presente, ao inscrever a velhice como fator de piedade e filantropia, nega-se a ela o reconhecimento social advindo da conquista de maior visibilidade pelo segmento. Assim, os significados culturais que se somam às terminologias induzem a uma representação social e a uma imagem que reduzem os mais idosos a uma situação de fragilidade e, conseqüentemente, de dependência.

Dentre os fatores que contribuem para essa representação sobre a velhice, está a não participação na população economicamente ativa, já que a definição de classe está ligada à posição ocupada pelo sujeito nas relações objetivas de trabalho (BOSI, 1994). Devido também à identidade firmada no consumo, é comum os idosos, principalmente aqueles com baixo potencial econômico, não terem suas vivências e saberes valorizados e reconhecidos socialmente, o que se traduz em abusos, maus tratos e isolamento social.

Outro fator também vinculado ao consumo diz respeito às concepções sobre beleza e juventude, vigentes na sociedade ocidental. Nesse sentido, o processo de envelhecimento, acompanhado por transformações físicas e psicológicas, é visto por parte da população como sinônimo de inatividade, doença, fraqueza e inutilidade. Assim, os velhos acabam sendo vistos como uma classe a parte, principalmente aqueles que são pobres, que acabam sendo duplamente oprimidos, pela dependência social e pela velhice (BARBOSA, 1994).

Em função da valorização da beleza e de juventude, envelhecer pode ser uma experiência ambígua, quando associada a um estereótipo negativo. Assim, muitas pessoas têm buscado atingir o ideal de beleza e permanecer com a aparência jovem, visando fugir dos estereótipos ligados à velhice. Nesse sentido, a velhice é vista como um período de deterioração e perdas, algo ruim e assustador, o que contribui para desvalorizar, inferiorizar e marginalizar essa fase da vida.

A pessoa estigmatizada que não obtém o respeito da “pessoa normal” pode não aceitar a si mesma, como se “o normal” lhe confirmasse seus próprios defeitos. Dessa forma, o estigma na velhice pode trazer sérios prejuízos e levar os idosos a negar a participação na sociedade, vivendo marginalizados e enclausurados em seus lares, ainda que possuam condições de viver uma vida ativa, produtiva e ter um saudável convívio em sociedade.

Destaca-se que as representações que uma pessoa tem sobre a velhice, podem vir de diversas pedagogias culturais, advindas de diferentes mídias, piadas, livros etc. Entretanto, buscaremos entender essas construções analisando as representações e o processo de socialização na família e na escola, temas das discussões a seguir.

### 2.3 REPRESENTAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO DECORRENTES DO PROCESSO EDUCACIONAL

De acordo com Oliveira (1999), a educação corresponde a um fenômeno pluridimensional e multideterminante, que envolve um processo contínuo na vida do ser humano, mas que pode ser um instrumento de alienação ou de libertação do indivíduo.

Souza (2003) menciona que é necessário educar as crianças e os adolescentes para que se tornem sujeitos críticos e autônomos. A educação sobre as dimensões da vida humana é importante para a formação do ser humano enquanto cidadão. Entretanto, é comum as escolas assumirem um caráter mais informativo do que formativo, tornando a formação dos alunos negligenciada (SOUZA, 2003).

No processo de educação para a cidadania, encontra-se o trabalho voltado para preparar as crianças para lidarem com as diferenças. Algumas escolas fazem um trabalho muito interessante, mostrando a diversidade de corpos e comportamentos: pessoas altas e baixas, pessoas magras e gordas, pessoas claras e escuras, pessoas velhas e novas etc. Nesse processo, mostram a importância da diversidade que configura uma oportunidade para se relacionar e aprender com alguém que é diferente de si. Nesse sentido, as escolas podem fazer

um excelente trabalho sobre as relações intergeracionais, motivando o contato, o convívio e a aprendizagem entre as gerações. Como afirma Araújo (1998, p. 44).

[...] a escola precisa abandonar um modelo no qual se esperam alunos homogêneos, tratando como iguais os diferentes, e incorporar uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto no das relações interpessoais.

Para que a sociedade possa ter uma postura mais proativa em relação ao idoso, Freire (1996) defende que a educação é a única forma de mudar os paradigmas sociais. Para isso, apregoa a necessidade de se preparar o indivíduo, desde a educação básica, para que ele se torne consciente em relação ao idoso e entenda o envelhecimento como uma condição a que todos estão sujeitos.

Nesse sentido, Carvalho e Horiguela (2007) defendem a importância de se ensinar sobre as diferentes dimensões envolvidas no envelhecimento humano, para que haja mudanças posturais da sociedade, possibilitando uma compreensão mais ampla sobre o processo de envelhecimento. Todaro (2009) também sugere que sejam feitos projetos intergeracionais para melhorar a reflexão sobre o envelhecer, para que a velhice possa ser vista não como uma fase a ser estigmatizada, mas como um período da vida a ser vivido com tranquilidade, autonomia e sociabilidade, tendo respeitados seus direitos e necessidades.

Ferrigno (2003) também aponta os pontos positivos da inter-relação entre jovens (crianças e adolescentes) e velhos. Segundo o autor, o convívio entre diferentes gerações possibilita a troca de saberes, podendo cada um contribuir com a cultura do outro e construindo histórias de uma comunidade, promovendo a satisfação em ambas as partes.

Todaro (2009) destaca a importância de se educar crianças para que sejam respeitadas com os idosos, para que possam ser capazes de refletir sobre os preconceitos relacionados à velhice, o que contribui para a formação de um cidadão crítico, ciente de seus deveres e direitos, o que promove uma sociedade mais justa, com visão mais realista e positiva em relação ao envelhecimento.

A forma como os pais trabalham com os filhos, os valores das relações intergeracionais, a importância da valorização social dos idosos e a necessidade das pessoas mais novas respeitar os idosos, irá refletir na forma como esses serão tratados na convivência social.

Essa realidade mostra a relevância da presente pesquisa, que possibilitará descontinuar alguns aspectos inerentes à socialização escolar, destacando como a escola pode contribuir para a desvalorização ou estigmatização da velhice.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

#### **3.1 ASPECTOS ÉTICOS**

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Viçosa para avaliação, tendo sido aprovado sob o nº 1.139.709. Essa aprovação indica que o projeto atendeu a todas as exigências da Resolução 466/2016 que dispõe sobre os princípios éticos a serem considerados na pesquisa com seres humanos.

A fim de observar esses princípios, os responsáveis pelas escolas foram consultados sobre a possibilidade de realização da pesquisa e assinaram uma autorização para a coleta de dados. Os participantes adultos (professores, coordenadores e pais ou responsáveis pelas crianças) assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE - (Apêndice 1) e os adolescentes (acima de 12 anos) assinaram um Termo de Assentimento<sup>2</sup>. O TCLE foi elaborado com linguagem de fácil entendimento e foi explicado e entregue individualmente aos sujeitos antes da pesquisa para assinarem. A pesquisa só foi realizada após a entrega do TCLE assinado pelos pais das crianças, o termo de assentimento pelos adolescentes e o TCLE pelos adultos pesquisados.

Os termos apresentavam os objetivos do estudo, os procedimentos de coleta e de análise dos dados da pesquisa. Nesse instrumento explicitou-se, ainda, a liberdade do sujeito em se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum ônus e/ou prejuízo a sua pessoa. Foi discriminada ainda a garantia do sigilo no nome dos participantes, visando assegurar a privacidade quanto aos dados envolvidos no estudo. Os documentos foram elaborados em duas vias, ficando uma com a pesquisadora e a outra com o sujeito pesquisado.

---

<sup>2</sup> Os termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Assentimento foram elaborados em conformidade com as exigências da Resolução nº 466, 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos.



### 3.2 CONTEXTO DO ESTUDO

O presente estudo foi realizado na cidade de Viçosa, localizada na região da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais, em uma escola pública, a qual foi devidamente informada sobre a pesquisa. Nas turmas do 5º ao 9º ano, sendo um total de 181 alunos nas 5 turmas.

A pesquisa se apoia na utilização das técnicas de pesquisa qualitativa denominada “grupo focal”. Para Kitzinger (2000) apud Trad (2009), o grupo focal é uma forma de entrevista com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Busca-se colher informações que possibilitam compreender percepções, crenças e atitudes sobre um tema.

O grupo focal difere da entrevista individual por basear-se na interação entre um coletivo de pessoas para obter os dados necessários à pesquisa. Sua formação obedece a critérios previamente determinados pelo pesquisador, de acordo com os objetivos da investigação, cabendo a este a criação de um ambiente favorável à discussão, que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista (PATTON, 1990; MINAYO, 2000).

Para obter bons dados a partir do grupo focal, o pesquisador deve ater-se aos recursos necessários, com destaque especial para os moderadores do grupo; definição do número de participantes e de grupos a serem realizados; perfil dos participantes; processo de seleção e tempo de duração. Uma vez definidos o perfil do grupo e os critérios de inclusão, passa-se ao processo de seleção dos participantes. Trata-se de uma seleção intencional em conformidade com os objetivos da pesquisa (LIMA et al 2004; PIZZOL, 2004).

Os grupos focais aconteceram separadamente com cada turma, buscando desvelar o que os adolescentes em estudo pensam sobre o envelhecimento e a participação dos idosos na sociedade. As falas foram estimuladas através de imagens (apresentar as imagens) e de perguntas pré-elaboradas pertinentes ao tema.

Além dos grupos focais com os estudantes, realizamos entrevistas não estruturadas com os professores e pedagogos, questionando-os sobre a forma como eles trabalham com questões ligadas ao envelhecimento.

Utilizamos um minigravador para registrar as reuniões em áudio, com autorização dos responsáveis pela escola. O áudio proporcionou o registro das falas dos participantes durante

as discussões sobre o tema nos grupos focais. Foi utilizado também o caderno de campo para registrar os detalhes da pesquisa.

A análise dos dados da presente pesquisa foi ponderada na forma discursiva, pautando-se nos instrumentais da hermenêutica, preocupada com a questão da subjetividade e a compreensão dos significados localizados nos contextos culturais em que são produzidos (GEERTZ, 1989). Nesse processo, buscamos discutir os conceitos formados pelos adolescentes sobre o envelhecimento, que foram confrontados com a literatura que versa sobre o tema.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Começamos nossa pesquisa no 5º ano com a apresentação de imagens de idosos em diferentes situações como: praticando esportes, estudando, tatuados, em situações de lazer com recreações e jogos, lendo para crianças, aprendendo a mexer no computador, cadeirantes, acamados e em abrigos. Observamos que os alunos estavam muito agitados e sem concentração, andavam de um lado para o outro e falavam muito alto, devido a isso não se importaram muito com as imagens que apresentávamos.

Após serem questionados sobre as imagens repetiam freneticamente: “Ah! Véio! Véia! Só Véio!” A imagem que eles mais comentaram foi a do casal de idosos jogando vídeo game, depois sobre o casal tatuado e o casal beijando. Tamanho foi o espanto, que possivelmente eles não acreditavam que idosos pudessem exercer atividades como estas.

As frases a seguir denotam o pensar das crianças e adolescentes ao verem as imagens supracitadas:

“Oh! Eles beijando na boca!” “Oh professora! Os dois velhos tá...dando um beijo?”  
“Olha os senhores beijando!” “Olha o beijo da velhinha”. (Depoimentos de crianças do 5º ano).

“Olha o Vovô! Parece o MC G...”. “E o vovô MC G... cheio de tatuagem”. “Tio, se liga! Tio o MC G...é viado”. “MC G... barrigudo”. (muitos risos). “O MC G... passou ai? Todo tatuado!” (Depoimentos de crianças do 5º ano).

“Os dois... A idosa e o idoso, eles estavam jogando videogame e estavam rindo!”.  
“Velhinho jogando, não acho certo, não. Velhinho não serve pra jogar videogame”.  
“Na verdade eles tão revendo a juventude”. “É que velhinho é muito velho. É muito velho pra jogar vídeo game, não é criança mais não. Mas não é mesmo não, uai. É pra ficar deitado. É, fica caindo...”. (Depoimentos de crianças do 5º ano).

Ao manusearem as imagens as crianças foram tecendo comentários a respeito do que viam, de acordo com cada uma apresentada. Categorizamos os comentários de acordo com as falas, que revelam o que as crianças pensam a respeito dos idosos, suas percepções no que tange a corporalidade, idosos que fazem uso da cadeira de rodas, imagens que retratam encontros inter geracionais, percepções positivas a respeito da velhice e por fim, falas com entonações pejorativas ao se referir ao Idoso.

Constatamos que o 5º ano se difere das demais turmas por participarem mais da pesquisa, ao tocarem nas imagens foram comentando, enquanto que nas outras pouco se falou a respeito, possivelmente devido ao fato das outras turmas estarem mais cheias, por conversarem mais e estarem mais dispersos, pouco falaram sobre as imagens.

Em relação à corporalidade observamos que eles relacionam a velhice aos cabelos brancos, independente da idade, ao perguntarmos a grande maioria não sabia que no Brasil é considerado idoso quem possui 60 anos ou mais, mesmo após relatarmos isso a eles uma menina disse que sua vó tem tatuagem, brincos e piercings, que nem parece que é velha, quando perguntamos sua idade, disse que tinha 48 anos.

Depoimentos de alunos do 5º e 6º anos revelam o que pensam em relação ao corpo envelhecido: um menino disse que ser velho é muito feio porque o corpo fica todo enrugado e “emberrugado”, outro disse que todo velho tem a barriga grande, uma menina disse que velho vai caindo à pele e assim fica muito “estranho”, outro disse que bonito é corpo “violão e barriga de “tanquinho”.

Em relação às imagens de idosos usando a cadeira de rodas, elas não apresentaram surpresa, comentaram com naturalidade como demonstra alguns depoimentos de alunos do 5º e 6º anos:

“Eu sei, que tem idosos na cadeira de rodas”. “Esse aqui tá no hospital, ta na cadeira de rodas”. “Esse aqui é os cadeirante. Esse aqui é a moça no hospital”.

As imagens com idosos demonstrando encontros entre gerações, como um idoso lendo para uma criança, uma jovem ensinando uma idosa a usar o computador, um idoso e uma criança pescando, entre outras, também pareceu ser situações corriqueiras aos alunos, pois comentaram como algo natural, como comprovam algumas falas dos estudantes do 5º e 6º anos, apenas uma criança comentou a possibilidade do idoso estar levando “sabedoria” a outra criança:

“Fessora, aqui nessa imagem, a velha brincando com seu sobrinho, pra quando ela morrer ele lembrar dela”. “Esse aqui é uma Senhora que tá lendo uma história pra criança”. “Aqui um netinho e o senhor”. “Tem o vovô ensinando o seu netinho a pescar”. “Os velhinhos estão passando a sabedoria deles para os pequenos”.

Em todas as turmas poucos foram os comentários positivos em relação aos idosos, mas existiram alguns que defenderam que envelhecer pode ser bom, como um menino do 5º ano que disse que “alguns (idosos) são saudáveis”, outro declarou que existem idosos que se cuidam, que fazem atividade física e por isso tem o corpo “saradinho”, outros comentaram que acham o idoso bonito, que suas avós são muito bonitas.

As respostas às questões norteadoras foram diversas e muito negativas, a maioria considera o idoso, feio, inútil, ocioso, enrugado, barrigudo e corcunda, isso se configura nos depoimentos de todas as turmas. Uma menina do 5º ano, assentada no fundo da sala, que ficou quase o tempo todo com o rosto coberto com a blusa, deixando apenas os olhos de fora, disse assim: “ser velho é muito bom! Eu quero muito ser velha”. Perguntamos o porquê da resposta dela e esta respondeu:

“Ser velho é bom, pois pode ficar o tempo todo deitado, dormindo, sem fazer nada”.

Logo na primeira fase da pesquisa nos torna muito claro o quanto os idosos são estigmatizados e o quanto sua imagem é depreciada. “O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo” (GOFFMAN, 1975, p. 13). Ainda segundo os estudos de Goffman (1975), estigmas são identidades deterioradas, construídas por ações sociais de forma pejorativa.

No 6º ano a reação dos alunos não foi diferente, alunos dispersos, inquietos e falantes, porém, quando partimos para as questões que norteariam a conversa, para nossa surpresa as respostas fluíram, e a maioria dos alunos disseram que não queriam envelhecer, pois ser velho é feio, cheio de rugas, muxibento, que ficam barrigudos e corcundas. Bonito é o corpo sarado e jovem.

Apenas um menino disse:

“... não considero ninguém velho, acho que todo mundo pode ser jovem, porque todo mundo pode fazer o que quiser, desenvolver qualquer coisa com qualquer idade...”

Outra menina relatou:

“Existem alguns idosos que não querem viver como a sociedade impõe, preferem ter uma vida ativa, fazer tatuagens, curtir a vida e com isso viver bem e feliz, que essas pessoas não envelhecem e fazem toda a diferença”.

Para Goffman (1975), quando pessoas ditas “normais” e estigmatizadas não interagem entre si, a reação da comunidade normal é discriminar o estigmatizado, com base na teoria de que se trata de uma pessoa estragada e diminuída. Portanto, observamos que a relação dessas crianças e adolescentes com os idosos não se dá de forma natural e harmoniosa.

No 7º, 8º e 9º anos a reação dos adolescentes foi também bastante parecida com as demais turmas. Após apresentação das imagens, perguntamos se queriam dizer algo sobre elas e permaneceram calados, partimos então para as perguntas norteadoras. As respostas mais uma vez, na sua maioria negativas, apesar de falarem muito e não ouvirem o colega. Porém alguns alunos se destacaram com percepções muito interessantes sobre os idosos.

Um menino relatou:

“Velho não faz nada, passa o dia jogando xadrez e sentado na beira da rua, eu preciso aprender a jogar xadrez pra quando eu ficar velho saber”.

Outro garoto disse:

“Velho não faz nada e passa o dia vendo TV, fazendo tricô e lendo o jornal, que quase todos são chatos e rabugentos”.

Uma menina ao ouvir ficou nervosa e disse:

“Mentira! Minha avó é velha e faz tudo na casa dela, cozinha, cuida da casa, desce e varre o quintal, cuida de tudo, ela faz muita coisa, não é assim, viu! Velho faz as coisas sim”.

Outra disse:

“Ser velho é muito relativo, tem pessoas idosas que fazem muito mais coisas que eu, dançam, jogam bola, passeiam, viajam e são muito felizes”.

Observamos que a maioria das crianças e adolescentes de todas as turmas não sabem o que é ser considerado uma pessoa idosa, alguns disseram que basta ter cabelos brancos já pode ser considerado idoso. Observamos também que a praticamente todos que relataram o idoso fazendo atividade, essa atividade está mais ligada ao trabalho, principalmente ao trabalho doméstico, muito pouco se falou de atividades de lazer.

Perguntamos as professoras de cada turma se trabalham com algum tema que contribua para a valorização do idoso e apenas uma que leciona Religião disse ter trabalhado com as crianças a importância da intergeracionalidade, que pode ser uma troca de experiência favorável a ambos.

Perguntamos também a vice-diretora da escola se existe nos materiais didáticos algum assunto abordando a temática “envelhecimento humano”, ela foi categórica quando disse que não, que nunca tinha visto nada nos materiais.

Como visto acima, a escola pesquisada, não trabalha de forma efetiva para diminuir os estigmas ligados à velhice, as crianças e adolescentes continuam reproduzindo com atitudes e palavras o que a sociedade repassa através dos tempos, não contribuindo para a quebra desse paradigma social.

Observamos que a maioria dos adolescentes participantes da pesquisa considera o corpo velho como algo feio, que o idoso quase sempre é “barrigudo” “enrugado” e “muxibento”, para eles o corpo bonito é o corpo sarado e jovem.

Os depoimentos a seguir ilustram claramente o pensar dos alunos:

“Uma pessoa envelhecida, de um corpo velho é feio porque é tudo emberrugado (verrugas).”

“Um corpo bonito é uma mulher que tenha um corpo violão.”

“Outro dia tinha uma velhinha de costa bonitona, com o cabelo loiro, eu assoviei... Não gostei quando vi a parte da frente. Assoviei porque tava de costa. Porque tava enrugada. Porque tava feio.”

Para WOLF (1992), vive-se a era do corpo perfeito. Para muitos, sustentar o mito da beleza a qualquer preço é o mais importante e ainda assim nunca estão satisfeitos, pois o nível de exigência vai ficando cada vez maior. Existem pessoas que passam fome, desenvolvendo doenças sérias como a bulimia nervosa ou a anorexia nervosa<sup>3</sup>, alguns são até hospitalizados e outros chegam à morte, em busca de um corpo magro para cumprir um ideal de beleza nunca alcançado. Pessoas de todas as classes, credo e idade sofrem com o que a autora chama de doença e afirma que este mal vem se espalhando por todos os cantos, em pessoas cada vez mais jovens.

---

<sup>3</sup> [...] transtornos alimentares caracterizados por um padrão de comportamento alimentar gravemente perturbado, um controle patológico do peso corporal e por distúrbios da percepção do formato corporal [...] classicamente descrito como distorção da imagem corporal. (SAIKALI, 2004, p. 165).

A autora também relata episódios com consequências graves, levando as pessoas a ter uma vida cheia de limitações, chegando a ficar tão magros que muitos sequer conseguem ter forças para falar em voz alta, perdem a libido e não tendo forças para fazer uma piada ou participar de uma discussão, se tornam escravos da ditadura do corpo magro, esteticamente belo pelos novos padrões e jovem.

Le Breton (2007) destaca o corpo como um campo da sociologia destinado à compreensão da corporeidade humana, enquanto fenômeno social e corporal, dotado de significações no mundo que o cerca. Dedicar-se às lógicas sociais e culturais que envolvem a extensão e os movimentos do homem, no qual, através do corpo, as relações com o mundo são construídas, como a inserção do homem em um espaço social e cultural através de seu corpo, a expressão de seus sentimentos, cerimônias dos ritos de interação, produção da aparência, exercícios físicos, relação com a dor e com o sofrimento, dentre outros.

Alguns alunos têm uma visão semelhante ao que cita Le Breton (2007):

“Pra mim não existe idoso, pra mim todo mundo é jovem, porque mesmo que eles falam que é idoso, eles pode divertir do mesmo jeito que a gente jovem diverte.”

“Eu acho o corpo de idoso bonito, minha avó é bonita! Mas minha avó não é idosa, ela tem só 40 anos.”

Le Breton (2007) ainda descreve que o corpo é dotado de sentidos que levam ao desenvolvimento dos indivíduos, dando características a cada um através do grupo social a que pertence e, posteriormente, propagador de significações, pois, o corpo é um sistema simbólico, carregado de sentidos e valores, que é traduzido e passado para os membros de uma comunidade.

Diante das respostas dadas pelas crianças e adolescentes, ficou evidente que a forma de pensar em relação à velhice e muito parecida a todos, que consideram que envelhecer é ruim e que não querem ser velhos, porque velho não faz nada e não tem energia para desenvolver qualquer atividade. Portanto, na concepção deles, envelhecer não pode ser bom. Corroborando com o que descreve Todaro (2009): “No campo de estudo da velhice, evidenciam-se preconceitos, afirmações como: todas as pessoas envelhecem do mesmo jeito, todos os velhos são iguais, todos os velhos são sovinas, chatos, lentos e doentes”.

Ainda segundo as palavras de Todaro (2009), que defende em sua obra que a escola precisa estar atenta a despeito do crescimento do número de idosos, nessa perspectiva

estimular os alunos a adotarem uma postura mais respeitosa e solidária ao se referir ou se relacionar com um idoso. Como afirma:

Entendemos que, como instituição social, a escola poderia desenvolver programas de leitura, problematizando valores associados ao tema transversal ética, tais como respeito e solidariedade entre crianças e pessoas idosas, por meio de textos de qualidade, apropriados a cada faixa etária. (TODARO, 2009, p. 8).

A escola pesquisada não usa de qualquer artifício para preparar seus alunos para lidar com o fenômeno do envelhecimento, no que tange o desenvolvimento de projetos e trabalhos que favoreçam a forma de pensar e agir dos seus estudantes em detrimento a extinção de estigmas ligados ao envelhecimento humano. Apenas uma professora manifestou interesse pela temática e disse repassar a importância de uma boa convivência com os idosos para seus alunos, destacando a importância da troca intergeracional que pode beneficiar ambos.

## **5 CONSIDERAÇÕES**

Assim como a sociedade estigmatiza o idoso, as crianças e adolescentes da escola investigada também o fazem, endossando o discurso pejorativo que envolve esta fase da vida. Os jovens pesquisados parecem desconhecer que existem idosos que descobriram seu lugar no mundo e se reinventam permanentemente influenciando gerações, transformando o comportamento e os valores, tornando a vida mais leve e a sexualidade mais livre e prazerosa.

Seria interessante que as autoridades ligadas à educação criassem subsídios, políticas públicas e materiais didáticos voltados para se trabalhar nas escolas a importância da valorização do idoso, assim como já vem trabalhando questões de gênero, etnia, enfim a prevenção de preconceitos como um todo.

Além disso, deveria ser englobado nesse processo, mostrar a importância da diversidade que configura como uma oportunidade para se relacionar e aprender com alguém que é diferente de si e que possui mais experiência. Nesse sentido, as escolas podem fazer um excelente trabalho sobre as relações intergeracionais, motivando o contato, o convívio e a aprendizagem entre as gerações, pois esses idosos merecem respeito, não só por serem seres humanos como qualquer outra pessoa, mas sim por serem grandes detentores de conhecimento por conta dos anos e das diferentes etapas vividas. Assim, são companhias valorosas, que podem aprender conosco, mas que, sobretudo, possuem um potencial gigante para ensinar.



## **STIGMAS TO THE ELDERLY: NOTES FROM A FIELD RESEARCH IN A PUBLIC SCHOOL FROM VIÇOSA/ MINAS GERAIS/BRAZIL**

### **ABSTRACT**

Through this article we seek to relate the experiences of a field survey conducted in June 2015 as part of a master's thesis, focused on trying to understand the social construction of stigma linked to human aging in a public school in Viçosa/Minas Gerais/Brazil. The objective of the research is to analyze the representations of children and adolescents from 5th to 9th grade of elementary school, about the aging process, identifying some mechanisms that enable the social constructions of stigmata of old age. For data collection we work with focus groups, with each group separately, focusing on the social representations of adolescents about aging and about the relationship of the same with the elderly. The data revealed many negative perceptions of old age as a stage of life marked by limitations, dependence, idleness, uselessness and disability, plus a decadent corporeality. Positive perceptions, to a lesser extent, were linked to life experience, wisdom and ability to give good advice. Longevity as a privilege and the ability of the elderly to maintain an active life and establish intergenerational relationships were also highlighted. In general, old age is very stigmatized by the students of this study, and this may be due to knowledge derived from common sense as well as the lack of information on the subject.

**Keywords:** field research; education; aging; stigma.

### **REFERÊNCIAS**

ALCÂNTARA, A. de O. **Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos**. Campinas: Editora Alínea, 2004.

ARAÚJO, U. F. de. O déficit cognitivo e a realidade brasileira. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

BARBOSA, J. A. A Psicologia do Oprimido. In: BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p. 11-15.

BERZINS, M. V.; MERCADANTE, E. F. Piadas de “mau gosto” sobre pessoas idosas: a disseminação do preconceito à velhice. **A Terceira Idade**. v. 23, n. 54, Julho 2012, p. 7-18.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, p. 17-37. 1994.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei n. 10741, de 1º de outubro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 192, 3 out. 2003.

BRISOLLA, L. S.; BRISOLLA, M. R. S. **Pedagogia Cultural e Cinema: análise crítica do filme “Nenhum a Menos” sob a perspectiva dos Estudos Culturais**. 2010. Disponível em: <[http://www.ucg.br/ucg/ser/ArquivosUpload/1/file/Artigos/pdf/pedagogia\\_cultural.pdf](http://www.ucg.br/ucg/ser/ArquivosUpload/1/file/Artigos/pdf/pedagogia_cultural.pdf)>. Acesso em: 26 mar. 2016.

CARVALHO, C. B.; Horiguela, M. de L. M. Inserção social de idosos a partir da escolarização básica. In: BRUNS, M. A de T.; DEL-MASSO, M. C. S. (Org.).

**Envelhecimento Humano:** diferentes perspectivas. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.167p.

CERVATO, A. M. et al. Educação nutricional para adultos e idosos: uma experiência positiva em Universidade Aberta para a Terceira Idade. **Rev Nutr.** 2005; 18(1), p. 41-52.

CHAUÍ, M. de S. Os trabalhos da memória. In: BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 17-33.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: EDUSP, 1999.

\_\_\_\_\_. O velho na propaganda. **Cadernos Pagu,** Campinas, v. 21, p. 133-156, 2003.

FERRIGNO, J.C. **Professores jovens e alunos velhos em um processo de coeducação de gerações.** Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975.

GONTIJO, S. **Envelhecimento ativo:** uma política de saúde. World Health Organization; Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Senso 2010.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 out.2014.

KITZINGER, J. Focus groups with users and providers of health care. In: POPE, C.; MAYS, N. (Org.). **Qualitative research in health care.** 2. ed. London: BMJ Books, 2000.

LE BRETON, D. **A Sociologia do corpo.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

LIMA, M. T.; BUCHER, J. S. N. F.; LIMA, J. W. O. A hipertensão arterial sob o olhar de uma população carente: estudo exploratório a partir dos conhecimentos, atitudes e práticas. **Cad. Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, 2004, p. 1079-1087.

LOPES, R. G. C. Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. In: NERI, A.L. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2007.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

OLIVEIRA, R. de C. da S. **Terceira idade:** do repensar dos limites aos sonhos impossíveis. São Paulo: Paulinas, 1999.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage; 1990.

PIZZOL, S. J. S. Combinação de grupos focais e análise discriminante: um método para tipificação de sistemas de produção agropecuária. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 42, n. 3, 2004, p. 451-468.

SAIKALI, C. J. et al. Imagem corporal nos transtornos alimentares. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 31, n. 4, p. 164-166, 2004. <<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2009/11/imagem-corporal-no-transtorno-alimentar.pdf>> Acesso em: 18 ago.2016.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716/2642>> Acesso em: 20 nov.2015.

SOUZA, R. M. de. **Escola e juventude: o aprender a aprender**. São Paulo: EDUC/ PAULUS, 2003.

TODARO, M. de A. **Vovô vai à escola: a velhice como tema transversal no ensino fundamental**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

TRADUÇÃO LB. Grupos Focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisa de saúde. *Physis*. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312009000300013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013)> Acesso em: 19 nov.2015.

WOLF, N. A Fome. In: **O Mito da Beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p. 237 a 289.

Recebido em 05 de janeiro de 2016. Aprovado em 17 de agosto de 2016.